

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: 254

Data: 09/07/92

Pg.: 16

Uru-eu-uau-uau reagem à invasão de suas terras e matam dois madeireiros

Antonio Gomes
Da Sucursal

Goiânia — Irritados com a impunidade de madeireiros e garimpeiros que vêm invadindo e depredando suas reservas, índios Uru-Eu-Uau-Uau mataram a flechadas dois dos três homens surpreendidos derrubando árvores nas terras dos silvícolas, no Alto Jamari, em Rondônia. O incidente aconteceu no último sábado, dia 6, mas apenas ontem a notícia chegou ao coordenador da área indígena uau-uau, Rogério Vargas e ao Museu do Índio, nesta capital.

O choque entre índios e madeireiros causou grande preocupação entre os indigenistas como Rogério Vargas e o professor Jesco Von Puttkamer. Eles temem a repetição de sangrentas represálias que já vitimaram os uau-uau em 1988 e outras épocas, patrocinadas por outros interessados nas riquezas da floresta.

Contatado ontem em Vitória, Espírito Santo, onde passa férias, Rogério Vargas disse, ao telefone, que a Funai enfrenta grandes dificuldades em Rondônia para dar assistência aos índios, sobretudo os uau-uau, grupo ainda arredio e contatado há pouco mais de três anos. Segundo ele, há falta de praticamente tudo, desde combustíveis, viaturas, remédios e até o telefone do órgão, que de agosto do ano passado até agora já foi cortado seis vezes, por falta de pagamento.

Os primeiros contatos com os uau-uau ocorreram há dez anos. Desde então, segundo Rogério Vargas, os madeireiros já roubaram cerca de 500 mil metros cúbicos de madeira na área indígena, estimulados pela impunidade e pela falta de condições de órgãos como a Funai e o Batalhão Florestal de exercer fiscalização.

Mortalidade — Além da madeira e do ouro os índios perderam, com a chegada dos brancos, também a saúde. Há pelo menos seis índios com tuberculose num grupo de 15 no quarto subgrupo uau-uau, liderados por Npauá — na cabeceira do rio Jamari, revela o coordenador Rogério Vargas. O grupo deveria ter hoje 25 pessoas, mas morreram dez crianças nos últimos tempos, vítimas de doenças próprias dos civilizados.

"Há dois meses, mesmo sem recursos, conseguimos abrir um posto para o subgrupo Npauá e os índios começaram a frequentar a fazenda Marechal Rondon, num local próximo a Campo Novo", informa Rogério Vargas. Ele explica que o quadro adverso de contato foi revertido graças a esse trabalho e à ação do Conselho



Jesco (C) teme que os índios sejam vítimas da operação "correria"

Antropólogo teme massacre

A iminência de um conflito armado entre os madeireiros e os índios Uru-Eu-Uau-Uau mobilizou várias pessoas em Goiás, ligadas ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Universidade Católica. O "antropólogo visual" Jesco Von Puttkamer, que organizou ao longo dos últimos 40 anos o maior acervo do mundo sobre os índios da Amazônia e participou de diversas frentes de atração inclusive da que contactou o grupo Uru-Eu-Uau-Uau em 1980, manifestou preocupação quanto a um massacre desses índios pelos madeireiros. A notícia que chegou ontem ao antropólogo era de que os madeireiros

estavam se preparando para atacar a aldeia dos Uru-Eu, numa operação popularmente conhecida como "correria". Segundo Puttkamer a reserva dos Uru-Eu-Uau-Uau é riquíssima em madeiras nobres, como o mogno e a cerejeira, e que isso tem atraído grupos organizados de madeireiros, alguns até financiados por estrangeiros.

O antropólogo Jesco Von Puttkamer tem uma relação especial com os Uru-Eu-Uau-Uau. Já esteve mais de 30 vezes na aldeia, onde permaneceu por longos períodos, pesquisando os hábitos e a cultura da tribo. Com os Uru-Eu o antropólogo descobriu o segredo da Tike-Úba, uma planta anti-coagulante usada pelos índios nas pontas das flechas para abater grandes caças, e que hoje é estudada pelos laboratórios Merck e Hoechst, para produção de remédios.

Indigenista Missionário (Cimi), mas teme agora por um retrocesso.

O segundo coordenador da área uau-uau, Remi Franciscato, com a ajuda do Pelotão Florestal, conseguiu prender cinco madeireiros e alguns garimpeiros na área do posto Trincheira, semana passada. Em poder do grupo foram apreendidos quatro caminhões, três tratores e um utilitário Toyota.

Revoltados com esse estado de coisas e a tolerância do Judiciário, os uau-uau, recentemente, queimaram um acampamento de ma-

deireiros em Tari do Baixo Jamari, às margens do rio Floresta, destruindo também um trator e duas embarcações de alumínio. Todos os problemas que envolvem os índios estão num relatório, oficial de 200 páginas, já em poder da presidência da Funai. O documento incluiu também as investidas criminosas de grupos armados, a soldo dos madeireiros, contra os uau-uau, resultando em mortos e feridos. Rogério Vargas informa que aguarda informações mais precisas após o regresso do advogado da Funai, Nailton Gregório, que foi para a região em companhia de uma advogada do Cimi.